



## **NAS TRAMAS DA ESCRITA: CIDADE(S), MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA(S) NOS DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.**

**VERA LÚCIA SILVA VIEIRA<sup>1</sup>**

A partir da análise de corpus documental constituído por diferentes formas narrativas, como contos, crônicas, romances, relatos pessoais e relatos de viagens, além de outras narrativas publicadas em jornais, livros e revistas, procuro investir sobre a produção textual híbrida de Ignácio de Loyola Brandão<sup>2</sup>, constituída no entrecruzamento dos campos literário e jornalístico. Recorro ao diálogo com seus escritos no sentido de problematizar as redes tecidas entre memória, tempo, cidades e história, indagando a sua escrita política e seu papel na construção de múltiplas sensibilidades e subjetividades em torno do urbano, bem como seu exercício de apreensão, testemunho e registro do tempo. O escritor mobiliza diferentes processos de rememoração, reconstrução e reinvenção do passado; recolhe da memória e da história recursos materiais, simbólicos e afetivos para o processo criativo.

Pretendo aqui recortar, em especial, as figurações de cidades que aparecem em seus escritos. Cidade(s), não raras vezes, percebidas pela dimensão afetiva. Cidade(s), história(s) e memória(s) pessoais e coletivas que se cruzam e condensam parte das preocupações do escritor. Cidades plurais e ambivalentes que, sob o olhar que as revela, são transformadas em matéria de reflexão, processo que articula memórias e histórias como importantes substratos. É na observação das formas plásticas da cidade que Loyola Brandão vai elaborando a sua apreensão e percepção temporal. Interpreta o tempo na textura das experiências e vivências no cenário urbano, em percurso que se aproxima de temas caros aos historiadores.

Assinalo, nesse sentido, narrativas – nas quais a cidade e seus personagens constituem temas centrais – que figuram percursos, itinerários e viagens, sublinhando nos escritos a capacidade de enunciar complexos meandros entre razão e sentimentos, sensibilidades, desejos, medos,

---

<sup>1</sup> UNESP-Franca. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História. CAPES.

<sup>2</sup> Ignácio de Loyola Brandão é escritor e jornalista. Em sua carreira jornalística, destaque pode ser atribuído às suas atuações no jornal *Última Hora* onde trabalhou de 1957 a 1966, às suas passagens pela revista *Realidade* e ao jornal *Estado de S. Paulo*. Neste último, é cronista desde 1993 e atualmente escreve quinzenalmente às sextas-feiras.

indiferenças e humilhações; multifacetadas dimensões da condição humana que dizem respeito às formas de experiência estética, sensível e histórica.

Recorro ao diálogo com os escritos de Loyola Brandão por entender que o escritor e jornalista tematiza questões importantes que dizem respeito à memória, ao esquecimento e ao exercício de elaboração do passado. Em suas múltiplas narrativas, não deixou de estampar e inscrever sua própria vida em literatura. A história do escritor e jornalista se entrelaça à história do cotidiano, à história da imprensa, à história de São Paulo, à história conturbada e violenta da política dos anos 1960-70 e aos importantes debates que perpassaram a sociedade brasileira nos últimos 50 anos.

A despeito dessas considerações, não se trata, contudo, de “contar uma vida” na pretensão de que as linhas ordenadas e uniformes de um texto possam “expressar os inúmeros, descontínuos e contraditórios fios de um destino pessoal” (SCHMIDT, 2004: 132). Nem mesmo intencionase recolher da produção de Loyola Brandão possíveis evidências de fatos passados no esforço de desvelamento das sensibilidades dos tempos de outrora. Antes, trata-se de enredar: a escrita e o tempo vivido. Formas possíveis de apreensão de uma escrita política híbrida que recorre também à memória como substrato, dela recolhendo traços e rastros de uma vida. Nas tramas políticas da escrita, trama-se a trajetória do intelectual, pesquisador, escritor e jornalista que recorre ao curso da vida, da história e da memória também como forma de agir, sentir, imaginar e estar no mundo.

A proposta é a de *caminhar junto* com a literatura, compreendendo as distâncias, aprendendo com as proximidades, em uma relação que não a toma como mero documento, mas também como objeto de reflexão. Procedimentos e operações em que o vínculo entre literatura e história é percebido no diálogo entre a escrita e o tempo vivido, acompanhando o pensamento de Daniel Faria (2016). A literatura, como atividade de quem escreve, comporta saberes e ambições que, longe de construir uma relação de reprodução e simples reflexo da realidade, é também produtora de historicidade: todo discurso é ação que instaura uma intervenção política, ou seja, “o texto é um acontecimento que, tendo este estatuto, pode inclusive ser interpretado historicamente” (FARIA, 2006: 240). A literatura é histórica e não padece “qualquer tipo de deficiência ontológica com relação a qualquer outro acontecimento, como um golpe de Estado, por exemplo” (FARIA, 2006: 240). Nessa perspectiva, a ideia é ler historicamente a escrita

literária de Loyola Brandão na procura por pensar as políticas da escrita, longe de indagar, numa postura ilustrativa, os acontecimentos políticos que retrata.

Uma das principais questões que norteiam o enfoque pretendido situa-se no interior das indagações sobre as formas pelas quais Loyola Brandão tem acompanhado, pela escrita, os caminhos da memória e da história. Quais os procedimentos empreendidos no percurso da reflexão de Loyola Brandão sobre a memória, o passado e a história? Será que a tarefa que o escritor se coloca é a de inscrever sua textualidade como envergada também em atributos análogos à história, assumindo a responsabilidade pelo passado no sentido de registrar e guardar – na qualidade de documento e testemunho – a sensibilidade e a experiência temporal de uma época? Questões que procuro pensar, sobretudo, remetendo para o valor da literatura e da ficção para a apropriação da memória e da história de uma época, além da possibilidade de lançar luz sobre episódios violentos ainda de difícil acolhimento na esfera da reflexão e do pensamento, no sentido de que ela [a ficção] possa contribuir para o pensamento plural e para a constituição de um repertório mais ético, sobretudo, no âmbito da cultura brasileira recorrentemente marcada pelo *apagamento de rastros* (HARDMAN, 1998).

Considerando a literatura como espaço de circulação de afetos, percepções, informações e sensibilidades que, longe de estabelecer uma relação de verdade, traduz visibilidades e *partilhas do sensível* (RANCIÈRE, 2005), enfatizo a importância das políticas da escrita e seu diálogo com a história que, habitada pela subjetividade do historiador e do seu lugar social de produção (CERTEAU, 1982) problematiza não apenas as palavras que “arranca do silêncio dos arquivos” (CHARTIER, 2002: 09), mas também o próprio ofício de *historiar*. Há uma luta pela apropriação do passado nos mais diferentes campos e domínios e nas manifestações artísticas não é diferente.

A literatura acolhe a ambivalência oferecendo-se às múltiplas dimensões da experiência, formas e sentimentos. Literatura que, para Jacques Rancière, vem justamente “perturbar a ordem das classificações entre os modos e os gêneros do discurso”, provocando tensão, desestabilizando lugares e espaços, resistindo à redução nominalista com a propriedade de “desmanchar as relações estáveis entre nomes, ideias e coisas e, junto com elas, as delimitações organizadas entre as artes, os saberes ou os modos do discurso” (RANCIÈRE, 1995: 27). Literatura como guerra da escrita onde se desfazem as relações entre as ordens dos discursos – *o ser da literatura* que “se furta às ordenações que dão aos corpos vozes próprias para colocá-los em seu lugar e

em sua função: uma perturbação na língua análoga à perturbação democrática dos corpos quando só a contingência igualitária os põe juntos” (RANCIÈRE, 1995: 28-29). A manifestação literária como lugar dos encontros insólitos que podem perturbar todas as familiaridades do pensamento, trazendo o descompasso, a desordem, a instabilidade e o embaraço, onde qualquer tentativa de operar limites, definições e classificações pode encerrar sua própria fragilidade, pois a linguagem é sempre mais porosa (FOUCAULT, 1999).

Busco pensar a literatura a partir das perspectivas de Luiz Costa Lima (2006), Wolfgang Iser (2013), Jacques Rancière (1995) e Hans Ulrich Gumbrecht (2014). Autores que, de diferentes maneiras, afirmam que não há nada na conformação de um texto que o caracterize como ficcional. Quando se tem essa postura, a questão que se coloca não é a da verdade que a literatura traz, mas a questão dos valores, dos códigos culturais, das sensibilidades que ganham visibilidades também pelo texto literário. Tanto os enunciados políticos, históricos, filosóficos ou literários fazem efeitos no real; sedimentam sensibilidades e subjetivações que atuam no exercício das ações dos homens e na própria reflexão e constituição da realidade.

Conceito fundamental na minha abordagem é o de *Stimmung* de Hans Ulrich Gumbrecht (2014), o qual aponta para a perspectiva da materialidade da linguagem em acometer a dimensão afetiva dos sujeitos, formas que envolvem corpos e sensações. *Stimmung* – palavra polissêmica e de difícil tradução – pode designar, entre outros sentidos, sentimentos, estados emocionais, tons, tendências, clima, atmosfera. *Stimmung* também se liga a *Stimme* (voz) e *stimmen* (afinar um instrumento musical). Afinar um instrumento musical criaria atmosferas específicas que trazem nuances que desafiam nosso poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar. Para Gumbrecht interessa, em especial, o componente de sentido que relaciona *Stimmung* com as notas musicais e com o ato de escutar sons:

*É bem sabido que não escutamos apenas com os ouvidos interno e externo. O sentido da audição é uma complexa forma de comportamento que envolve todo o corpo [...]. Cada tom percebido é, claro, uma forma de realidade física (ainda que invisível) que “acontece” aos nossos corpos e que, ao mesmo tempo, os “envolve”* (GUMBRECHT, 2014: 13).

Uma das funções mais importantes dos textos literários aparece naquilo que o teórico chama de “potencial oculto da literatura”: a perspectiva da materialidade da linguagem em acometer a

dimensão afetiva dos sujeitos, formas que envolvem corpos e sensações. Trata-se da capacidade da literatura de produzir experiências que também são físicas, na produção de encontros que afetam percepções e leituras de mundo – diz respeito ao sentir-se impactado. Diz respeito a formas de experiência estética, histórica e sensível. A questão que se coloca não é a da verdade da literatura, mas a dos conhecimentos e reflexões possíveis que ela desperta pela capacidade do texto literário de também inquietar e provocar o pensamento.

Acompanhando o pensamento de Gumbrecht, pode-se dizer que ser afetado pelo som ou pelo clima atmosférico é uma forma de experiência que também é física, embora invisível. Por isso a metáfora dos sons usada para aquilatar o *Stimmung* como um sentimento subjetivo, uma sensação interior – “um estado de espírito tão privado que não pode sequer ser circunscrito com grande precisão” (GUMBRECHT, 2014: 12). Nesse conceito está presente uma ontologia da literatura que estabelece um “*continuum*” entre a realidade do texto literário e a de sua recepção.

O conceito de *Stimmung* envolve um processo além do campo hermenêutico, pela atribuição de novos procedimentos operatórios em que se esmaece a dicotomia epistemológica sujeito/objeto; antes de atribuir sentidos e significações às coisas, elas já se apresentam numa relação necessária com os corpos (GUMBRECHT, 2010). Processos em que questões de sentido e significação deixam de ser primordiais:

*‘Ler com a atenção voltada ao Stimmung’ sempre significa prestar atenção à dimensão textual das formas que nos envolvem, que envolvem nossos corpos, enquanto realidade física – algo que consegue catalisar sensações interiores sem que questões de representação estejam necessariamente envolvidas (GUMBRECHT, 2014: 14).*

Operações analíticas em que não se persegue decifrar significados – estes não têm significação fixa; trata-se muito mais de sondar camadas e profundidades de modo afetivo e corporal, experiência em que certezas não se definem. O que interessa, para Gumbrecht, são “os ambientes e as atmosferas absorvidas pelas obras literárias enquanto forma de ‘vida’ – ambientes com substância física, que nos toca ‘como se de dentro’”, pertencentes “à substância e à realidade do mundo” (GUMBRECHT, 2014: 33). Aquilo que, para o autor, afeta os leitores

no ato da leitura, envolve o presente do passado em substância, e não um sinal do passado, nem sua representação.

A literatura não apenas oferece saberes, como também atribui julgamentos sobre eles. Todavia, a questão que se coloca não é a da verdade da literatura, mas a dos conhecimentos e reflexões possíveis que ela desperta pela capacidade do texto literário de também inquietar e provocar o pensamento. Esforços analíticos que procuram relacionar as circunstâncias em que são criados os textos literários e as realidades que a própria literatura cria e provoca. Configurações nas quais a escrita literária é percebida como capaz de atingir as disposições afetivas dos leitores provocando determinadas formas de experiência sensível.

No interior dessas inclinações epistemológicas, o meu interesse recai sobre as possibilidades que se abrem a partir do diálogo com a produção textual de Loyola Brandão, no sentido de que seus escritos são provocativos de múltiplas reflexões e percepções de memória, tempo e história e que tocam subjetividades, sensações, afetos e ressentimentos, entendendo que o impacto e as sensações experienciadas não são menos reais que os objetos que as provocam. Independentemente do quanto de ficção se aloje num discurso (político ou literário, dentre outros), há a produção de um imaginário que adquire potencialidade de ação, ou seja, pode *penetrar no mundo e aí agir*, conforme o pensamento de Wolfgang Iser (2013), produzindo efeitos na medida em que podem atuar no exercício de práticas sociais e políticas. Formas de sociabilidades e “partilhas do sensível” que se movimentam na construção de ideias, imagens, significações éticas, políticas e históricas.

Os escritos de Loyola Brandão percorreram os últimos 50 anos. O escritor nascido em 1936 atravessou o “breve século XX”, nos dizeres de Eric Hobsbawn (1995). Assistiu a muitas mudanças, impactou-se com elas. Desejou registrá-las no contato com a escrita: “Vi todas as mudanças [...], o homem descer na lua. Vi chegar o celular, o computador. Trabalhei em jornal quando era com linotipo e clichê de zinco e trabalho em jornal hoje com toda essa informática” (BRANDÃO, 2016). Sobressai o desejo de testemunhar, pela construção de uma memória, a dinâmica dos tempos, as mudanças e alterações vividas e observadas. Desejo condensado em frase significativa: “*Vi todas as mudanças*”.

Tematizando o cenário urbano – com destaque para a cidade de São Paulo – embora outras não cessem de aparecer, o escritor/jornalista não deixa de impactar-se com o apagamento e/ou a transformação de determinadas referências e marcas identitárias na cidade.

*Uma cidade como São Paulo caracteriza-se pela mutação dinâmica dos seus referenciais. As esquinas de ontem desaparecem. Cinemas tornam-se supermercados ou igrejas de religiões alternativas. Prédios barrocos, art déco ou modernista caem, substituídos por edifícios de concreto e vidro [...]. Fábricas ou conjuntos residenciais crescem em campos de futebol de várzea. Monumentos são levados para lugares diferentes, é a história fazendo seu rodízio, palavra em voga. Ruas se alargam, quintais se dissolvem [...]. Antes, pontos de referência [...] permaneciam anos e anos no mesmo lugar [...]. O visual se transmuta velozmente, como um videoclipe que roda sem cessar. Nossos olhos jamais repousam nesta cidade (BRANDÃO, 1998: 18-20).*

A cidade é captada, em grande medida, pela sensibilidade moderna com argumentos de forte apelo emotivo que destacam o movimento constante de alterações significativas tanto no plano da racionalidade e lógica urbana, como também no plano simbólico: “*As esquinas de ontem desaparecem*”; “*Ruas se alargam, quintais se dissolvem*”; “*Nossos olhos jamais repousam nesta cidade*”. Falas que evocam imagens densas de significados. Se no romance *Bebel que a cidade comeu* (1968), o desejo dos personagens é viver na cidade grande, caminho inverso pode ser percebido em *O ganhador* (1987), no qual personagens procuram fugir do “sufoco” que ela representa: “não dava pé ficar em São Paulo, Rio, em cidade grande. Era um pavor ouvir o noticiário, ver os jornais abertos nas bancas” (BRANDÃO, 1987: 108). Numa fuga “sem rumo”, da cidade e do marido violento, Yvone/Candelária segue encontrando costumes que já não faziam parte de São Paulo: “cadeiras na calçada”, famílias e amigos “agrupados em grandes rodas”. Espaços de sociabilidade onde conviviam “hábitos antiquíssimos, adaptados, e hábitos novos, reciclados”. Lugares onde ainda havia troca de experiências passadas de geração em geração, onde nos casamentos ainda se podia usar o “mesmo paletó usado pelo pai e guardado”. Ao distanciar-se da cidade grande, ela foi perdendo a “inquietação” e o “abafamento contínuo” que a dominava. A tensão que fazia “parte do seu sangue” em São Paulo, dissolveu-se:

*E caminhava devagar, olhava para as coisas, sem pressa. Descobrimo detalhes numa casa de árvore, janela de uma casa, olhar de uma pessoa [...]. Parou de olhar as horas a todo momento e abandonou. O relógio numa gaveta [...]. Começou a ganhar*

*pequenos conhecimentos. Coisas que antes julgava inúteis e sem sentido. Não era maravilhoso saber plantar o alho na noite de São João e vê-lo nascer antes do dia nascer?* (BRANDÃO, 1987: 59-60)

Se longe da cidade grande é possível observar e olhar as coisas “sem pressa”, no tempo necessário para vicejar afetos, descobrindo “detalhes” sem a presença opressora do “relógio”, captando saberes e conhecimentos deflagrados na contemplação silenciosa e vagarosa da natureza, em São Paulo:

*A massa caminhava e sumia. O que podia fazer essa gente trôpega, doentia, podre? [...] A cidade era maior. Os tipos que circulavam não tinham nada a ver com a cidade construída em torno deles, por eles [...]. A imensidão dos edifícios, os blocos de concreto e aço, as paredes de vidro que se erguiam nos céus, os quarteirões maciços eram pesados e insuportáveis para essa gente frágil [...]. O medo congestionava as faces...* (BRANDÃO, 1968: 292-293)

Figurações que apresentam formas diferenciadas de apreensão da vida, do tempo e do espaço que, flagradas nas distinções operadas entre o interior e a cidade grande, visíveis nos trechos recortados, revelam, em grande medida, a pluralidade de expectativas, experiências e sensibilidades que as cidades provocam, ao mesmo tempo que aterrorizam pelas dúvidas e incertezas a que tais experiências conduzem. Destaque pode ser atribuído às percepções e sensibilidades acerca do tempo. Se em São Paulo, o ritmo é apressado, “a massa caminhava e sumia”, rumo ao interior não há “pressa”, nem necessidade de “olhar as horas” a todo momento. Pode-se abandonar o tempo: o “relógio numa gaveta”. Se no interior, é possível “maravilhar-se” com os saberes da natureza, em São Paulo, os “blocos de concreto” oprimem e esmagam.

A vida na cidade, segundo Maria Stella Bresciani, “ultrapassa qualquer possibilidade de apreensão do saber analítico, ou seja, a cidade apresenta o paradoxo de se oferecer num só golpe do olhar, recusando-se, contudo, a um conhecimento completo” (BRESCIANI, 2004: 141). A cidade que aparece figurada nos textos de Loyola Brandão é a cidade em permanente movimento, a cidade transitória marcada pela implacável passagem do tempo. Em *Pega ele, silêncio* (1969), a personagem Ana Maria caminha pela cidade: “Olhando lojas, lendo placas de ruas, vendo os restos das últimas mansões que começam a *desaparecer*, parando diante das

construções” (BRANDÃO, 1996: 18). Em *Depois do Sol* (1965), a cidade vive o “barulho” prolongado das máquinas: uma “imensa cidade, prédios e prédios, muitos em construção”; “a Paulista é uma sucessão de prédios novos, as casas velhas vão caindo, foram abandonadas ou estão em demolição, restam poucas [...]. Casas *tristes*, sem luz, sabendo que vão *morrer*, olhadas de cima pelos edifícios brancos” (BRANDÃO, 1965: 18-24 – grifo meu). A morte como possível metáfora que simboliza a fragilidade e o caráter perecível da cidade. Enunciados que se destacam pela antropomorfização da cidade a ela atribuindo características humanas: “casas *tristes*”, “sabendo que vão *morrer*”.

Dos primeiros escritos até os mais recentes é possível notar proximidades nas maneiras como o escritor/jornalista figura e atribui sentido às transformações culturais e urbanas da cidade de São Paulo. Relatos e registros muitas vezes sentimentalizados que podem guardar amplas relações com as experiências do passado. Processos que evocam a memória que – espontânea, afetiva, elástica, lacunar e descontínua – percorre várias direções (SEIXAS, 2012).

Destaco alguns trechos para mostrar a preocupação de Loyola Brandão com a construção e a preservação de registros que narrem uma memória sobre os tempos idos e vividos. Enunciados que, à primeira leitura, podem indiciar uma possível perspectiva nostálgica da parte de Loyola Brandão. Nos seus textos, o olhar que atribui forma à cidade traz também a figuração de personagens nostálgicos a dialogar e/ou confrontar-se com as mudanças físicas e simbólicas da urbe, impulsionados também pela inquietação face à transitoriedade do tempo.

Para Svetlana Boym (2007), a nostalgia não é uma doença, como já apreendida em outras épocas, mas um sintoma da contemporaneidade, um sentimento histórico. Para a autora, a nostalgia não é *anti-moderna*, não é necessariamente oposta à modernidade; não é meramente uma expressão de saudade ou anseio, mas o resultado de uma nova compreensão do tempo e do espaço. A autora afirma que a nostalgia parece ser a saudade de outro lugar. Entretanto, o anseio nostálgico pode ser uma utopia às avessas, na forma de desejo por um tempo diferente. Boym aponta que o passado do sentimento nostálgico, muitas vezes, nem é o passado como temporalidade já transcorrida; poderia ser apenas um tempo melhor, ou um mais lento – um tempo fora do tempo (*time out of time*), não sobrecarregado de definições. Nesse sentido, a nostalgia nem sempre é retrospectiva; ela pode ser também prospectiva.

Para pensar as nuances das figurações de Loyola Brandão, recorro à noção de nostalgia reflexiva que, para Boym, constitui um sentimento de deslocamento. Sedutora, a nostalgia é um sentimento ambivalente que pode também ser mal explorado, pois encontra-se sob o risco de corromper o pensamento crítico pela ligação afetiva, ou seja, a combinação de nostalgia e política pode ser uma construção social bem perigosa. Segundo Andreas Huyssen (2014), olhar para trás tornou-se um modo dominante de vivenciar e pensar o mundo moderno desde o surto de crescimento da memória na década de 1990.

Acompanhando o pensamento de Huyssen e de Boym, pode-se dizer que a nostalgia reflexiva não é o desejo de retorno ao passado, não diz respeito a uma recuperação do que está perdido, mas refere-se à preocupação com a finitude humana, uma reflexão sobre a história e a passagem do tempo. Nesse sentido, a saudade e o pensamento crítico não são opostos, pois as memórias afetivas não impedem que o indivíduo tenha sensibilidade, julgamento e reflexão crítica (BOYM, 2007).

A partir dessas considerações, é possível refletir sobre a possível perspectiva “nostálgica” de Loyola Brandão. Não se trata de uma nostalgia no sentido de mero sentimento de perda e desejo de retorno ao passado. Trata-se muito mais de um sentimento de desajuste que se mostra como crítica e preocupação com a sociedade contemporânea fragmentada e cindida. Ou seja, seu sentimento não é “antimoderno”, mas relaciona-se muito mais como desencantamento do mundo, um desajuste numa sociedade da qual desapareceram as promessas de futuros alternativos. Aparece como dispositivo de defesa em tempos de amplas e constantes transformações e de ritmos de vida cada vez mais sentidos e vividos como acelerados e vertiginosos.

A antropomorfização da cidade, atribuindo à ela características humanas – “casas *tristes*”, “sabendo que vão *morrer*”, “pontes *enrugadas*”, “viadutos *dessossegados*” – longe de mero sentimento de perda, embora não se possa descartar a ambivalência de tais sentimentos, pode significar muito mais a procura por aproximar cidades e homens na sua condição de precariedade, fragilidade e finitude. O cidadão vive sua condição urbana sob o impacto da fragmentação, da “vida efêmera” (BRANDÃO, 1998) e das mudanças caóticas. Loyola Brandão diz que para enfrentar São Paulo, o paulistano, “venha de onde vier”, necessita de um conjunto de qualidades: umas delas é aprender a conviver com a rápida dinâmica que modifica

a “face da cidade” em “períodos muito curtos”; outra, habituar-se a “não sofrer” com as transformações:

*Uma cidade necessita de seus pontos de referência constantes e São Paulo brinca de gato e rato, provocando mudanças instantâneas. Muda-se o eixo da cidade, mudam-se as mãos das ruas, edifícios caem, outros surgem, outdoors violentam a paisagem e são trocados [...]. A árvore que some, a loja que fecha, a igreja que vira danceteria, o cinema que amanhã será supermercado, o boteco que vendia café [...], a rua que se alarga, a praça que desaparece, o viaduto que come a rua (BRANDÃO, 1986: 09-10).*

Entendo que Loyola Brandão assume o desejo de testemunhar a dinâmica dos tempos propondo uma visão crítica desse processo. Como forma de observação da(s) cidade(s), entre os hábitos do escritor está o de anotar tudo o que está à sua volta – experiências vividas ou observadas – como memórias que se entrelaçam constituindo elementos desencadeadores da criação literária que, dessa forma, guarda relação simultânea com o vivido, com o observado e com a ficção.

Em *O ganhador* (1987), o *Stimmung* que o romance de Loyola Brandão evoca é o desajuste, a defasagem temporal, a impossibilidade de acompanhar a cadência do tempo. O personagem Máxi é um homem “sem endereço”, sem “ponto de referência”, não se prende a nenhuma cidade. A sensação é de inquietude e aflição. Questões complexas que podem tocar de perto as problemáticas que envolvem a apreensão do tempo e sua textura nas sociedades contemporâneas, além das condições espaço-temporais. Descompassos e choques de temporalidades que são também paradigmáticos para uma abordagem das mudanças na percepção do tempo (BOYM, 2007). Os personagens de Loyola Brandão são desajustados nas suas múltiplas percepções de tempo e em face do cenário urbano. A cidade fascina, mas também apavora, segrega e, muitas vezes, dissipa o tempo e a duração necessária para a configuração plena de afetividade (HAROCHE, 2008).

Em larga medida, os textos de Loyola Brandão afirmam sua oposição ao tempo na figura de seus símbolos de regulação temporal, relógios e calendários. Em contrapartida, enfatiza-se nas minúcias a poética da passagem natural do tempo na observação dos ritmos da natureza que vem romper com a velocidade da vida urbana:

*A aranha descia do teto, num fio. Subia e descia [...] devagar, subia um pouco, um ioiô mortífero [...]. O que havia de errado em mim é que eu estava fora do ritmo. E o ritmo ali era o da aranha. Ela subia e descia vagarosamente e era a cadência deste lugar... (BRANDÃO, 1975: 120)*

*Tudo o que quero é poder me sentar, nesta praia, a qualquer hora. Chegar no quebrar da barra, ficar até a boca da noite. (BRANDÃO, 1987: 316)*

*Sentado num banco frio, há uma hora contemplo as árvores, vendo folha por folha se desprender, sem interrupção, uma atrás da outra. A haste frágil se solta, a folha revolteia, desce dançando e se deposita com suavidade sobre o cascalho negro [...]. A folha que se desprende me prende. (BRANDÃO, 1984: 311)*

Recorto aqui trechos que evocam *atmosferas* do tempo e buscam a sensação da textura do tempo longe de ser mensurado por relógios e calendários.<sup>3</sup> Momentos que indiciam uma pausa, um hiato, um espaço de espera para melhor deter-se sobre o tempo que passa. As cenas ocorrem após longo percurso de experiências vividas e nessas pequenas pausas estão contidas metaforicamente toda essa extensa trajetória de vida. Espécie de suspensão do tempo constituindo intervalos em que passado e presente se articulam, numa visão simultaneamente densa de sentidos. Relações ambivalentes podem ser apreendidas:

*Precisava enxergar o relógio da torre, sentia-se abandonado sem o mostrador, ainda que, daquela distância, não distinguisse as horas [...]. No entanto, o importante era sentir a presença do relógio, saber que estava marcando horas. Sem ver os ponteiros, tinha a sensação de que o tempo tinha se perdido [...]. Tinha pavor de, um dia, as horas deixarem de existir e não se saber mais se o tempo estava parado ou continuava a passar. Ele gostava de sentir o tempo existir, era uma carícia sobre o seu corpo. Vê-lo agir sobre a pele, os dentes, os olhos, desgastando tudo devagar, era a certeza de estar vivo. (BRANDÃO, 1999: p.40)*

---

<sup>3</sup> Lembro aqui Krzysztof Pomian que enfatiza o caráter ambíguo do tempo que pode ser percebido tanto pelos movimentos visíveis dos astros como pela intuição. Cf. POMIAN, Krzysztof. Tempo/temporalidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. v. 29. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1993.

O sentimento de ambivalência entre o sentir-se desajusto e “desgastado” pelo tempo que passa e a necessidade de sentir a evidência física do tempo como possível sensação de controle e segurança, como se a presença do “tempo”, segundo o pensamento de Gumbrecht, garantisse proteção e estabilidade ou até mesmo impedisse “o mundo de entrar em colapso” (GUMBRECHT, 2000: 237). Ou seja, como se a presença simbólica do relógio pudesse oferecer certa sensação de segurança e estrutura em meio ao caos e à desordem das transformações sentidas como aceleradas.

Loyola Brandão tematiza as angústias do homem contemporâneo, a violência política e cotidiana, a sensação de aprisionamento no contato com a urbe apressada e marcada pela solidão dos múltiplos desencontros pessoais e coletivos. Textos que incidem sobre a inexorabilidade do fluxo do tempo, a finitude da vida, além da ambivalência inscrita no sentir-se desajustado e agredido pelo tempo que passa. O escritor/jornalista procura, na textura do vivido e da escrita, registrar e testemunhar o movimento do tempo, em enunciado significativo “*o que eu vi, eu escrevi*” (BRANDÃO, 2013). Esforço que não constitui desolação e desalento pelo que foi – refere-se muito mais à possibilidade de atestar as mudanças, mostrar-se testemunho do seu tempo e, sobretudo, indagar pelo que virá. Na poética da transitoriedade e finitude, Loyola Brandão explora personagens que, descritos apenas pelos traços que aludem às mudanças dadas ao envelhecimento, habitam cidades que não cessam de transformar-se. É a precariedade da vida e do mundo granjeando contornos em múltiplos matizes, testemunhos e registros da passagem implacável do tempo.

## REFERÊNCIAS:

BOYM, Svetlana. Nostalgia and its discontents. In: *The Hedgehog Review: Critical Reflections on Contemporary Culture*. Volume 09, n. 2. p.07-18. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cfcb/eba8cb80315ffebfcf16fe4d17fa6f31286e.pdf>. Acesso em: 16/dez./2016.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. A câmera ansiosa pelo oculto. In: MARTINS, Juca. *São Paulo Capital: uma visão panorâmica da cidade no final do século XX*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

\_\_\_\_\_. Frutas nascem no cimento – gigantismo/intimismo. In: BOCCATO, André (Org.). *São Paulo, gigante & intimista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1986.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Matheus Vieira. Ignácio de Loyola Brandão: *o que eu vi, eu escrevi*. In: *A cidade on Araraquara*. 13/10/2013. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/araraquara/lazerecultura>. Acesso em: 20/06/2015.

- \_\_\_\_\_. [1965] *Depois do Sol: contos*. 2ª ed., São Paulo: Global, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O ganhador*. 1.ed. São Paulo: Global, 1987.
- \_\_\_\_\_. [1968] *Bebel que a cidade comeu*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. [1969] *Pega ele, Silêncio*. 5.ed. São Paulo: Global, 2008.
- \_\_\_\_\_. [1975] *Zero*. 5.ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.
- \_\_\_\_\_. [1984] *O verde violentou o muro: vida em Berlim, antes e depois*. 13.ed. São Paulo: Global, 2000.
- BRESCIANI, Maria Stella. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, Linguagem, Objetos: Leituras de História Cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CERTEAU, Michel. [1975] *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- FARIA, Daniel. Os roteiros poéticos das viagens de Fernando Pessoa e as condições espaço-temporais do mundo contemporâneo. In: *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.17, n.1, p.115-129. 2011. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/1514>. Acesso em: 27 set. 2016.
- FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- FOUCAULT, Michel. [1966] *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926, vivendo no limite do tempo*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura*. Trad. Ana Isabel Soares. 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2014.
- HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de Taipa: Canudos e os Irracionais. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Morte e Progresso: Cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Trad. Jacy Alves de Seixas; Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_. [1991] *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Trad. Johannes Kretschmer. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- POMIAN, Krzysztof. Tempo/temporalidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 29. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramalheite. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. In: *História Unisinos*, Vol. 8 (10), Jul./Dez., p.131-142, 2004.

SEIXAS, Jacy Alves de. Comemorar entre memória e esquecimento: Reflexões sobre a memória histórica. In: *Questões & Debates*, Curitiba, n.32, p.75-95, jan./jun., 2000. Ed. UFPR.

\_\_\_\_\_. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. São Paulo, (v.24), jun. 2012. p.43-63. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10612>. Acesso em: 15/12/2016.

\_\_\_\_\_. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas Atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.